





Doutoramentos Honoris Causa

Doutoramentos Honoris Causa

**Joaquim Feio
e José Reis**

PROFESSOR AUXILIAR APOSENTADO DA FEUC *in memoriam*
PROFESSOR CATEDRÁTICO DA FEUC

As tradições académicas, entre as quais as cerimónias solenes de investidura no grau de doutor conferido pelas distintas faculdades da Universidade de Coimbra, ressentiram-se, como é compreensível, com as circunstâncias associadas às grandes transformações políticas e sociais decorrentes da Revolução Democrática de 1974.

Durante o processo revolucionário — e ainda por mais alguns anos — as “tradições”, em geral, conheceram de certo modo um “eclipse”, mas as dinâmicas da sua reposição foram acompanhadas também por uma certa renovação — tanto no que respeita ao seu alcance como às suas virtualidades. Pela sua própria história, pelos tempos em que foi fundada e se desenvolveu, a Faculdade de Economia representa bem esta renovação, como fica evidente com o conjunto de iniciativas que tomou neste campo.

A “tradição” de a Universidade “honrar” e “honrar-se”, parafraseando palavras de Luís Reis Torgal¹, concedendo, *honoris causa*, o grau de doutor a personalidades ilustres pelos seus méritos científicos, culturais, literários, políticos ou outros, que se iniciara em 1921 com a sua atribuição a três chefes militares aliados, vencedores da Grande Guerra², foi retomada plenamente na década de 1980.

Por sua própria iniciativa³, a Faculdade de Economia propôs um primeiro doutoramento *honoris causa* no ano de 1989 e escolheu de modo preclaro — e rompendo “tradições” — uma personalidade ímpar de um novíssimo país de língua oficial portuguesa: Aristides Pereira, então Presidente da República de Cabo Verde. Foi seu apresentante o Doutor Mário Soares, à época Presidente da República Portuguesa; encarregou-se do elogio do candidato o Doutor José Veiga Torres e do elogio do apresentante o Doutor Joaquim Romero Magalhães. As palavras que proferiu este último orador atestam bem toda a importância da solenidade, e o seu carácter singular, poderia neste caso dizer-se inaugural, como (f)acto marcante para a vida da ainda jovem faculdade.

“Enfeitou-se a Via Latina com os louros dos dias de honra.

Tocaram os sinos chamados a capelo.”

E continuando, de modo empolgante, o orador acrescenta:

“Ouviram-se os metais anunciando a aproximação dos oficiais.”

Observa:

“Encheu-se a Sala Grande dos Actos com quem quis presenciar e testemunhar um momento solene que nem por repetido é menos singular⁴.”

Hoje é inegável, decorridas mais de três décadas, que com este doutoramento *honoris causa* se iniciava uma trajetória de afirmação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) como entidade portadora de um “capital simbólico” próprio, revitalizador do próprio “capital simbólico” da vetusta e consagrada Universidade de que é, desde 1973, uma das partes constituintes.

Essa dinâmica nova, expressa na escolha de Aristides Pereira em 1989, por ser, ainda nas palavras do orador atrás referido, “de justiça incorporar entre os seus membros doutores o Senhor Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde” abria, ou melhor, renovava de facto esta “tradição” através da qual, como foi dito antes, a Universidade de Coimbra “honra” e “honra-se”.

¹ Cf. Torgal, Luís Reis, “Quid Petis? Os “doutoramentos” na Universidade de Coimbra”, *Revista de História das Ideias*, vol. 15, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 177-316, 1993.

² *Id.*, *op. cit.*, p. 252. Os chefes militares, comandantes das forças vencedoras da Grande Guerra, foram o Marechal Joffre, de França, o Generalíssimo Díaz, de Itália, e o General Smith Dorrien, do Reino Unido; o grau foi concedido pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e, segundo Luís Reis Torgal, esta “cerimónia de doutoramento *honoris causa* é que, em todo o seu significado, retomou o simples acto cerimonial que constituía o doutoramento anterior a 1911.” (*Idem*, *op. cit.*, p. 255).

³ Em boa verdade, o primeiro doutoramento *honoris causa* da FEUC é, *de facto*, o que é concedido “por todas as faculdades da Universidade de Coimbra” a Sua Santidade o Papa João Paulo II, aquando da sua visita a Coimbra e à universidade em 1982. Sobre os pormenores deste insólito doutoramento *honoris causa*, cf. *idem*, *op. cit.* p. 254, p. 270, p. 277. Recordemos que à data ainda não tinha sido criada a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

⁴ Estes extractos do discurso proferido na ocasião pelo orador são reproduzidos a partir da cópia do original depositada na FEUC.

Depois deste ato que teve lugar em 5 de Dezembro de 1989, a FEUC voltaria a “inovar” ao propor (e ver aprovado pelo Senado e pelo Reitor da Universidade) o doutoramento *honoris causa* do Professor Florestan Fernandes. O ato solene realizou-se a 4 de Julho de 1990, tendo sido apresentante do candidato o Doutor Boaventura de Sousa Santos⁵. Coincidindo com a realização do 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, este doutoramento foi proposto considerando que, deste modo, “[ao] celebrar os seus 700 anos, a Universidade de Coimbra, como o fez repetidamente ao longo da sua história, [iria] uma vez mais marcar, com o tradicional espírito ecuménico e universalista que a caracteriza, a sua presença prestigiada no ambiente cultural, intelectual e científico internacional⁶.” Conhecidas as preferências teóricas e as opções de combate político pelas liberdades e de resistência à ditadura militar que vigorou por cerca de duas décadas no Brasil do eminente sociólogo, a “tradição” foi de novo renovada, “honrando” e “honrando-se” deste modo a Universidade de Coimbra com esta distinção conferida, através da sua Faculdade de Economia, ao ilustre professor da Universidade de São Paulo. Sendo um doutoramento justificado pela dimensão científica do candidato, era manifesto que dados os traços biográficos de Florestan Fernandes não podia ficar excluída a sua específica trajetória cívica e de luta política. Nesse sentido, também estamos perante um novo tipo de doutoramento *honoris causa* cujo sentido “político” foi evidente e deliberado.

A 30 de Abril de 1992, realizar-se-ia o terceiro doutoramento *honoris causa* proposto pela Faculdade de Economia: seria distinguido Jacques Delors, o influente e visionário Presidente da Comissão das Comunidades Europeias⁷. Nesta ocasião, referindo-se ao candidato e a Mário Soares, seu apresentante, o Doutor Boaventura de Sousa Santos oportunamente lembrou que “[c]omungam ambos do ideal democrático, solidário e universalizante da Europa, o mesmo que pretendemos como o sentido último do labor científico e cultural que levamos a cabo nesta Universidade, que soube ser europeia muitos séculos antes de nós e que só prosperou nos períodos em que se manteve fiel a essa filiação⁸.” O carácter “político” deste doutoramento marca uma dinâmica de sincronização do tempo universitário coimbrão que não pode deixar de ser realçada. A Universidade, e com ela um país renovado, compreende a Modernidade e a “história do futuro” que a *Europa mediatrix* e solidária de Delors (e, diga-se também, de Soares) representa como grande esperança de paz e como projeto universal assente na liberdade, dignidade e inviolabilidade da pessoa humana.

A 25 de Abril de 1993, por ocasião do seu vigésimo aniversário, a FEUC homenageou uma figura ímpar de economista e cientista social que, embora de origem europeia, se afirmou no seu exílio norte-americano como cultor de um discurso económico universalista e aberto aos contributos dos outros ramos das humanidades e ciências sociais: Albert O. Hirschman⁹. As palavras do orador a quem foi confiado o elogio do candidato são eloquentes: “[é] ... dos sentidos, dos significados — e, sem dúvida, das emoções — que guardamos neste cerimonial que me quero fazer acompanhar para testemunhar perante vós que quem vai solicitar a imposição da láurea doutoral

⁵ O elogio do candidato coube ao Doutor Carlos Fortuna e o Doutor José Veiga Torres fez o elogio do apresentante, o Doutor Boaventura de Sousa Santos.

⁶ Exórdio da “Proposta de conferência do grau de Doutor *Honoris Causa* ao Professor Florestan Fernandes”, cópia depositada na FEUC.

⁷ Foi apresentante do candidato o Doutor Mário Soares, então Presidente da República Portuguesa. O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor Boaventura de Sousa Santos, o do candidato foi confiado ao Doutor João Sousa Andrade.

⁸ Do final da oração proferida pelo Doutor Boaventura de Sousa Santos.

⁹ Foi apresentante do candidato o Doutor António Simões Lopes. O Doutor José Reis, então Presidente do Conselho Científico da FEUC, fez o elogio do candidato e o do apresentante esteve a cargo do Doutor Henrique Soares de Albergaria.

pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra é um economista pioneiro, um cientista social inovador e um cidadão de bem¹⁰.” Igualmente, o outro orador presente neste ato solene corroboraria aspetos fundamentais do projeto da faculdade e da oportunidade de prestar a Albert Hirschman esta homenagem. Dizia então: “[u]ma Faculdade de Economia, norteadada por princípios humanistas e fraternos, que pretende nos seus objectivos científicos cultivar a inter-disciplinaridade e que aspira, na sua prática, a uma visão crítica da realidade, não pode deixar de ver em Albert O. Hirschman um dos cientistas que melhor encarnam esses ideais¹¹.” No vigésimo aniversário da sua existência, a FEUC mostrava, assim, a sua face mais brilhante e, simbolicamente, com inteira confiança no valor das palavras, professava determinação em prosseguir na afirmação de um projeto que justificara a sua criação, em 1972, suscitava entre os seus diferentes membros um otimismo, neste caso da vontade e da inteligência, reforçado por este dia fausto em que se conferia a Albert O. Hirschman uma “honra” com a dignidade que ele, ainda “pobre” refugiado a caminho da América no início da década de 1940, sabia ser distintiva dos povos ibéricos e, em particular, do povo português¹².

Em 1995, a FEUC volta a conferir um doutoramento *honoris causa* a um Chefe de Estado: Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República Federativa do Brasil¹³. Na cerimónia realizada a 21 de Julho de 1995, desponta uma ideia clara: este não é apenas um “doutoramento político”. *De per se*, o extenso currículo científico e académico do Presidente justificaria plenamente a homenagem. Mas é na dupla veste de intelectual académico e de político, aliás responsável pelo plano (conhecido por “Plano Real”) que, após décadas de inflação e hiperinflação monetária, restituiu estabilidade ao Brasil neste domínio, que se conferiu ao Presidente Fernando Henrique, aliás Doutor Fernando Henrique Cardoso, a láurea doutoral pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. A proximidade de Fernando Henrique Cardoso à própria Universidade suscitará por parte de um dos oradores, o Doutor Boaventura de Sousa Santos, uma memorável peça de oratória sobre a dialética do Poder e sobre a circunstância dos *novos Príncipes* num tempo que é já de *globalização financeira* e de novos equilíbrios geopolíticos resultantes do novo ciclo histórico inaugurado pela transição para a democracia e para a economia de mercado dos países de “socialismo real” da Europa central e oriental e dos territórios que, até ao início da década, ainda faziam parte da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Como “doutoramento político” que foi, revestiu-se de uma especificidade dificilmente repetível e demonstrou o poder simbólico de uma Universidade cada vez mais empenhada na adequação do seu modo de ser às sociedades e economias dos finais de século XX.

O próximo doutoramento conferido pela FEUC, a 13 de Dezembro de 1998, é um preito de gratidão inequívoco, e devido, a uma personalidade que desde a primeira hora se empenhou na construção e defesa da jovem Faculdade de Economia da Universidade, apoiando-a e aos seus jovens docentes em todas as horas, mesmo nas mais

¹⁰ Palavras constantes da oração do Doutor José Reis.

¹¹ Palavras constantes da oração do Doutor Henrique Soares de Albergaria.

¹² Albert Hirschman aproveitou cerimónias análogas por ocasião da atribuição de doutoramentos *honoris causa* por diferentes universidades da Europa e do mundo para “contar” o seu percurso ou episódios significativos relacionados com as respetivas cidades ou países onde estas se situassem. Em Coimbra, contou a sua passagem dos Pirinéus a Lisboa, em fuga para a América. Felizmente, embarcaria em Lisboa no paquete *Excalibur* a caminho de Nova Iorque dando af início ao seu exílio e a uma frutuosa carreira como cientista social. Cf. HIRSCHMAN, Albert O., *Auto-subversão. Teorias consagradas em xeque*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996. Entretanto, com enorme sucesso de público, recentemente a Netflix produziu uma série para televisão que toma a experiência de fuga de Albert Hirschman como narrativa histórica de fundo real: *Transatlântico*, minissérie em sete episódios, de autoria de Anna Winger.

¹³ Foi apresentante do candidato o Doutor Mário Soares, então Presidente da República Portuguesa. O elogio do candidato esteve a cargo do Doutor João Carlos Namorado Clímaco; o do apresentante foi confiado ao Doutor Boaventura de Sousa Santos.

incertas e adversas. Falamos do Doutor António Simões Lopes¹⁴, grande economista e professor, mestre de alguns dos docentes que integraram a Faculdade nos seus primeiros anos e mestre das jovens gerações de estudantes de Economia em Coimbra, porque lecionou na faculdade cursos da sua área de especialidade e simultaneamente integrou o próprio Conselho Científico da escola até 1988¹⁵. Sabemos, como se disse no seu elogio, que desde que se juntou a nós em 1977, se sentiu bem e se sentiu um de nós. Acompanhou-nos e ensinou-nos. Mostrou aos estudantes, fascinados e entusiasmados, um outro lado, ético e estético da Economia. Tornou visível o que muitas vezes estava invisível.

À época desta homenagem o Doutor Simões Lopes era Reitor da Universidade Técnica de Lisboa. Todavia, são os seus méritos como cientista social, economista, e os inconfundíveis traços de carácter e generosidade do seu percurso e da sua obra que merecem destaque. Na “Proposta de atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* ao Professor António Simões Lopes”, enviada ao Senado da Universidade a 6 de Maio de 1998, subscrita pelo Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Economia, o Doutor Pedro Ramos, relevava-se sobre o Doutor Simões Lopes: “[f]oi, no nosso país, um economista pioneiro, trazendo para o campo da discussão científica a análise das regiões, defendendo a importância de repensar os modelos de desenvolvimento, introduzindo-lhes a componente espacial, condição indispensável para quem, como ele, assume o princípio que os benefícios do desenvolvimento devem ser para todos, independentemente da sua localização. E é este princípio moral, que se traduz na recusa em aceitar que os critérios de eficiência se sobreponham aos critérios de repartição e de igualdade, que dá unidade à sua obra científica [...]”¹⁶.

Na esteira da melhor tradição da Universidade de Coimbra, este doutoramento honrava sobremaneira uma escola que avançava e traçava princípios (morais e não só) claros e generosos. No final de um século turbulento e na iminência de um novo milénio.

Contudo, ainda em 1999, caberia à FEUC propor o doutoramento *honoris causa* de outro Chefe de Estado, o então Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano¹⁷. Acompanhou-o, como apresentante, o Presidente da República Jorge Sampaio, função que exerceu de forma ímpar, qualificando a democracia, ele que foi “um símbolo da recusa do ‘pensamento único’ e do que isso tem de repressivo, de estagnante e de bloqueador”, como disse quem o elogiou.

Sucessor do fundador da República Popular de Moçambique, o malgrado Samora Moisés Machel, ex-combatente nas fileiras da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), o Presidente Chissano, figura cimeira de outro dos novíssimos Estados de língua oficial portuguesa, representava uma nova face da África sempre sofredora mas brilhante e que, desde o século XV, vira entrelaçada a sua história com a dos portugueses. A 23 de Abril de 1999, o que a Faculdade de Economia quer consagrar na pessoa do Presidente Chissano é o “lado brilhante” do novo Moçambique. Na “Proposta para a concessão do grau de Doutor *Honoris Causa* ao Presidente Joaquim Chissano aquando da sua visita a Portugal”¹⁸ salienta-se: “[o] Presidente Chissano é

¹⁴ Foi apresentante do candidato o Doutor Rui Alarcão, então Reitor da Universidade de Coimbra e à época homólogo do Doutor Simões Lopes, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa. O elogio do candidato esteve a cargo do Doutor José Reis; o do apresentante foi confiado ao Doutor Jaime Alberto do Couto Ferreira.

¹⁵ A “Proposta de atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* ao Professor António Simões Lopes”, que foi enviada pelo Presidente do Conselho Científico da época, Doutor Pedro Ramos, ao Senado da Universidade, sublinha esse aspeto sem omitir os aspetos de natureza científica que justificam a proposta e que por extenso vão ser citados no corpo de texto.

¹⁶ Palavras constantes da “Proposta de atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* ao Professor António Simões Lopes”, enviada pelo Presidente do Conselho Científico, Doutor Pedro Ramos, ao Senado da Universidade em 6 de Maio de 1998.

¹⁷ Foi apresentante do candidato o Doutor Jorge Sampaio, então Presidente da República Portuguesa. O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor José Reis; o do candidato foi confiado ao Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos.

¹⁸ “Proposta para a concessão do grau de *Doutor Honoris Causa* ao Presidente Joaquim Chissano aquando da sua visita a Portugal em Abril”, enviada ao Senado da Universidade de Coimbra em 19 de Fevereiro de 1999, subscrita pelo Doutor Boaventura de Sousa Santos.

hoje um dos mais respeitados líderes políticos africanos. No plano interno tem a seu crédito a prossecução de dois bens públicos que na África de hoje são extremamente escassos: a paz e o desenvolvimento económico¹⁹.”

Os elementos biográficos aduzidos na proposta sobre a personalidade do candidato reforçam a importância e o reforço que a instituição universitária deve prover aos esforços de construção de sociedades que ensaiam uma história de autonomia ou independência libertadora: quer se sublinhe os aspetos económicos, quer se sublinhe os contributos e progressos na construção da paz num país, no caso vertente, Moçambique, e numa região, a África Austral, em busca dos caminhos próprios das “boas sociedades”, para usar uma expressão cara aos economistas desde o Iluminismo. Pesadas todas as diferentes razões que justificam a concessão, *honoris causa*, do grau de doutor ao Presidente Chissano, as palavras finais do documento já mencionado sintetizam lapidarmente: “[...] a nossa Faculdade, ao conceder esta honra ao Presidente Chissano, se honrará com ela. De resto, este doutoramento *Honoris Causa* [*sic*, sem itálico no original] insere-se numa política de aproximação entre a Europa e o espaço lusófono que a nossa Faculdade tem vindo a prosseguir com grande coerência. Atente-se nos doutoramentos concedidos a figuras políticas como Aristides Pereira, Fernando Henrique Cardoso e Jacques Delors²⁰.”

Só em 25 de Maio de 2002, adaptando as palavras já citadas de J. Romero Magalhães, voltará a “enfeitar-se a Via latina com os louros dos dias de honra” e “voltará a tocar os sinos chamados a capelo” por determinação da Faculdade de Economia. Nesse dia a FEUC homenageou o Professor Doutor Manuel Jacinto Nunes²¹. Economista e professor catedrático ilustre do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, com um vasto currículo académico, uma extensa obra publicada e o exercício de importantíssimas funções políticas e governamentais, o distinguido exercera igualmente as funções de Governador do Banco de Portugal, como era o caso, à época, do apresentante, o Dr. Vítor Constâncio.

João Sousa Andrade, ao referir-se ao nosso novo doutor, tratou também da sua condição de economista preocupado com “os agregados macroeconómicos e a sua formação”, para chegar à “primeira lição”: “não poderíamos ter política macroeconómica em Portugal sem medições do rendimento nacional”. E esse foi o seu empenho, tanto para desenvolver o programa keynesiano que, então, timidamente, encontrara alguns recetores no ensino da economia no então ISCEF e num ou outro departamento do Estado, como para compreender a “Estrutura da Economia Portuguesa” (título de um livro seu). Um lado incontornável da biografia pública de Jacinto Nunes é a sua presença intensa em negociações internacionais com as quais se promoveu a abertura da economia portuguesa, desde as que se relacionaram com o Plano Marshal, a OECE ou o FMI. Assim como é o seu interesse culto pela metodologia da Economia.

Entre os vários traços comuns que o apresentante, o Dr. Vítor Constâncio, tem com o Doutor Jacinto Nunes é exatamente, para lá dos vínculos ao Banco de Portugal, essa presença em negociações internacionais, facto salientado pela Doutora Maria Manuel Leitão Marques, ao fazer o seu elogio. Ele foi o Ministro que negociou o primeiro acordo com o FMI, em 1978; foi Presidente da Comissão para a integração europeia e estaria para vir o tempo em que seria Vice-presidente do Banco Central Europeu. O seu timbre foi sempre uma “enorme preocupação de rigor e coerência”. Característica que vinha, aliás, lado a lado com um dado conhecido, o de não regatear

¹⁹ *Ibidem*, palavras iniciais do documento.

²⁰ *Ibidem*, palavras finais do documento.

²¹ Na ocasião foi apresentante do candidato o Doutor Vítor Constâncio, personalidade eminente do *establishment* político-económico do país. Coube à Doutora Maria Manuel Leitão Marques proferir a oração de elogio do apresentante, e ao Doutor João Sousa Andrade foi confiado o elogio do candidato.

“o devido realce às dificuldades”.

Em 2005 — a 3 de Maio —, por solicitação do Reitor da Universidade e por ocasião das celebrações do vigésimo aniversário da criação do chamado *Coimbra Group*, será concedida pela FEUC a láurea doutoral *honoris causa* ao Professor belga Simon-Pierre Nothomb. Esta cerimónia decorreu naquele contexto específico, sendo apresentante do candidato a Doutora Cristina Robalo Cordeiro, à data Vice-Reitora para as Relações Internacionais da Universidade de Coimbra²².

Já em 11 de Junho de 2006, a FEUC retoma de sua iniciativa a concessão de um grau de doutor *honoris causa*. Desta feita a um influente académico norte-americano que inspirou largamente um amplo sector de docentes e investigadores ligados à Faculdade e ao seu Centro de Estudos Sociais: Immanuel Wallerstein²³. O interesse universal da obra de Wallerstein, a relevância da mesma para a compreensão do sistema-mundo moderno e da importância das histórias “entrelaçadas” dos povos colonizadores e dos povos colonizados, como é o caso das múltiplas nações lusófonas, reforçam uma linha de preocupações presente há muito na FEUC, como já foi referido. Vinha de muito cedo a sua curiosidade, “uma curiosidade de adolescente”, disse o Doutor Carlos Fortuna ao elogiá-lo, pelo mundo não-ocidental e pela África em particular. Assim como pelo “estudo dos movimentos anti-sistémicos e das suas origens sócio-históricas”. Quando interpretou, com a sua chancela original, o sistema-mundo entendeu-o a partir das suas raízes na economia mediterrânica do século XVI, inspirado na obra de Fernand Braudel, e viu-o como “um sistema gerador de desigualdades, repartidas por universos centrais, semiperiféricos e periféricos, encimados por um sistema-inter-estados que o regula politicamente.” A partir daí, o convite de Wallerstein estava feito para que se compreendesse tal sistema como uno tanto à escala mundial como nas formas diversas que assume do ponto de vista da economia, da política ou da expressão democrática ou autoritária que estas assumem.

Immanuel Wallerstein esteve na Sala dos Capelos por si e pela sua obra. Mas esteve também pelo modo como a sua influência foi importante no desenvolvimento dos programas de investigação do Centro de Estudos Sociais, quando este, nos inícios da década de oitenta, se organizou e assumiu a capacidade científica que haveria de ser reconhecida. Assim como esteve pela ligação à cultura portuguesa e aos povos que falam esta língua ou pela maneira como, mais tarde, assumiu o papel de Presidente da Comissão Gulbenkian para a Reestruturação das Ciências Sociais.

Em 8 de Fevereiro de 2009, com a concessão da láurea doutoral *honoris causa* ao Director-Geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Juan Somavia²⁴, volta a haver um doutoramento *honoris causa* com motivações que resultam do modo como a academia se encontra com a sociedade e com os problemas contemporâneos. Representante de uma das mais antigas organizações internacionais multilaterais, e que é também uma organização tripartida, onde se “encontram” representantes de Estados e representantes de associações patronais e sindicais, com uma vasta experiência de trabalho em organizações internacionais, o chileno Juan Somavia é uma personalidade determinante de uma “trincheira de defesa” da dignidade do trabalho, tão posta em causa nas últimas décadas, marcadas pela globalização financeira e pela reiterada falta de respeito por direitos sociais elementares e constitutivos do

²² O elogio do candidato foi confiado ao Doutor Rui Nogueira Lobo de Alarcão Silva, antigo Reitor da Universidade de Coimbra, em funções ao tempo da criação do *Coimbra Group*, e outro antigo Reitor, o Doutor Fernando Manuel da Silva Rebelo, elogiou a apresentante. Como se depreende, excetuando a presença inevitável do Presidente do Conselho Diretivo da FEUC, o papel da faculdade foi ancilar nestas celebrações.

²³ Foi apresentante do candidato o Doutor Boaventura de Sousa Santos. O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor Carlos Guerreiro Fortuna, o do candidato foi confiado ao Doutor João Arriscado Nunes.

²⁴ Foi apresentante do candidato o Doutor Jorge Sampaio, ex-Presidente da República portuguesa. O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor Pedro Hespanha; o do candidato foi confiado ao Doutor António Casimiro Ferreira.

processo de civilização ínsito na Modernidade. Do ponto de vista simbólico, este ato solene confirmou as declarações de princípios morais que foram subscritas pela FEUC ao longo da sua história.

Resultante do Tratado de Versalhes de 1919, revigorada com a Declaração de Filadélfia de 1944, a Organização Internacional do Trabalho, da qual Portugal é membro fundador, “constituiu, desde sempre, um fórum de discussão e de decisão entre os governos e os parceiros sociais. O diálogo social e a negociação conferem-lhe uma legitimidade especial e constituem a base organizacional e metodológica da actuação da OIT, sendo por seu intermédio que se foram estabelecendo os padrões laborais e sociais básicos à escala mundial”, sublinhou o Doutor António Casimiro Ferreira, que elogiou o candidato e defendeu que o “trabalho digno”, tema hoje reposto na agenda por más razões, deve ser visto como bem público global, como “património comum da humanidade”. Deve aqui aludir-se à presença do apresentante, o Doutor Jorge Sampaio, que por duas vezes se associou aos nossos doutoramentos *honoris causa*, tal como o fez outro Presidente, Mário Soares. Jorge Sampaio, com a sua enorme grandeza intelectual e política, deu sempre um lugar principal ao trabalho. Discursou na abertura da sessão especial da octogésima oitava Conferência da OIT e promoveu iniciativas nacionais para debater o pacto social ou a dimensão social das formas de cooperação internacional em que o trabalho é relevante. Foi, pois, uma presença muito significativa, que agora aqui se assinala.

A 13 de Março de 2011 concedeu a FEUC o grau de doutor *honoris causa*, por razões que não precisam de longas explanações, dada a projecção da sua personalidade e da sua obra, ao primeiro economista asiático a ser laureado com o comumente chamado Prémio Nobel da Economia: Amartya Kumar Sen²⁵. O economista indiano esteve sempre na primeira linha de defesa de um desenvolvimento económico e humano assente na liberdade. Mais uma vez, esta escolha não deixou margem para dúvidas quanto ao “capital simbólico” que, em quase quarenta anos de existência, foi sendo construído pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Não restaram dúvidas de que com mais este ato solene e, de modo sempre mais sólido, a Faculdade “honra-se”, quando escolhe tão coerentemente aqueles que “por atos valerosos” inclui “de justiça” entre os seus membros doutores.

Na “breve e elegante oração” que os estatutos pombalinos determinam que o candidato a doutor *honoris causa* deve fazer ao fundo dos degraus que mais adiante o encaminharão para o local da Sala dos Capelos onde receberá as insígnias, Sen lembrou o conjunto de grandes e antigas universidades europeias de que Coimbra faz parte. Evocando as relações de Portugal com a Índia, o seu país natal, lembrou também os primordiais “centros de pensamento” não europeus, como o que então estava a tentar refundar – Nalanda, de fundação budista, e que durante mais de 700 anos, desde o século V, acolheu estudantes de todo o mundo oriental, até à sua destruição pouco antes da criação da nossa Universidade.

Foi, pois, como lembrou a Doutora Teresa Carla Oliveira, que proferiu o seu elogio, “um economista e um filósofo, mas também um reconhecido teorizador político e social” que a Universidade então consagrou, sem esquecer todos os seus demais empenhos, em diversas causas e em defesa de valores éticos universais. Desde a dedicação que devotou à construção de índices sociais utilizados no “Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento”, que passámos a designar “desenvolvimento humano”, até ao seu empenho em mostrar a relação fundamental com a liberdade, de tal modo que cunhou o conceito de “desenvolvimento como liberdade”. Por isso, tratou

²⁵ Foi apresentante do candidato o Engenheiro António Guterres, ex-Primeiro-Ministro do Governo da República portuguesa e, na altura, Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados. O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor Joaquim Romero Magalhães; o do candidato foi confiado à Doutora Teresa Carla Trigo de Oliveira.

de mostrar bem que o “modo como as pessoas podem realizar o seu potencial humano” é intrinsecamente dependente do conjunto muito largo de circunstâncias que lhes permitam agir e deliberar. Não é uma circunstância individual ou pessoal, é coletiva e política. Nisso consiste o seu conceito de *capabilities*, que não admite uma tradução literal para português.

O Doutor Joaquim Romero Magalhães tomou de novo a palavra, e pela última vez, numa cerimónia destas para relembrar o modo como a Universidade se prepara quando lhe pedem que “proceda à plena integração na Universidade de Coimbra de alguém a quem queremos desejar as boas vindas e agradecer-lhe por vir enriquecer a nossa comunidade estudiosa”. Fê-lo ao proceder ao elogio do apresentante de Amartya Sen, António Guterres, ao tempo Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, e ao relembrar como nestes atos se acolhem detentores de muitas culturas, em vários campos, sendo certo que há uma coisa comum que as liga: a “procura de inteligência da vida e das sociedades”.

Quando, em 29 de maio de 2014, a Faculdade outorgou o título de doutor *honoris causa* a António Arnaut²⁶ poder-se-ia pensar que estava a acontecer algo de inédito. E talvez estivesse. A Universidade não chamou quem estava longe, virou-se para o que lhe era vizinho, para a própria cidade onde vive. Mas isso não queria dizer que a causa fosse local – pelo contrário, era da máxima grandeza. Tratava-se tão só de honrar quem deu o passo singular, decisivo, pelo qual se instituiu entre nós um Serviço Nacional de Saúde e se fez dele “a pedra angular [da] arrumação do Estado a pensar na dignidade e na voz efetiva de todos e todas”. Estávamos ali perante “o principal impulsor de uma das maiores conquistas civilizacionais das últimas décadas em Portugal”.

E também não se tratava de organizar “um evento exterior ao essencial do mandato de uma instituição universitária”, lá porque se alude ao que se passa nos nossos dias comuns. De facto, estava apenas a cumprir-se o “essencial do mandato duma instituição universitária”, dos seus deveres no mundo. O contrário de uma universidade que fosse cultora de um distanciamento assético entre o conhecimento e a vida. Foi isto que disse o Doutor José Manuel Pureza, ao fazer o elogio do novo doutorando. Ele que, refletindo sobre si mesmo, considerou que nunca mediu “o possível e o justo pela extensão do olhar, mas pela dimensão da alma”. E por isso se considerava “um socialista ético no sentido de que a defesa da dignidade e da libertação do homem de todas as formas de opressão é mais um imperativo moral do que uma decorrência ideológica”. Algo que, como escreveu enquanto poeta, ajudasse a afastar o “tempo de lágrimas e luto / ferido pelas lanças / da ambição. / Tempo avarento. / Tempo de não (...)”. O Doutor Pedro Ferreira encarregou-se do elogio do apresentante, o Doutor Constantino Saklariades, Professor Jubilado da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, “um cientista, um empreendedor público e um homem generoso”, isto é, alguém que aqui demonstrava bem que são muitos e são os melhores aqueles que acompanham as grandes obras, tornando o gesto inicial a abertura de um caminho que se engrandece através de todos os que o percorrem. Assim se fez do Serviço Nacional de Saúde “uma das maiores conquistas civilizacionais das últimas décadas em Portugal”.

António Guterres, que já tinha estado connosco em 2011, na Sala do Capelos, como apresentante de Amartya Sen, oferecia ao país em 2016 razões maiores para ser de novo ali recebido – a sua carreira internacional registava o modo brilhante como ocupava o cargo de Alto Comissário da Nações Unidas para os Refugiados e tinha-se tornado evidente que iria reunir um grande consenso para se tornar Secretário Geral da ONU. A causa próxima para agora o homenagearmos a ele, António Guterres²⁷, no

²⁶ O elogio do apresentante esteve a cargo do Doutor Pedro Ferreira; o do candidato foi confiado ao Doutor José Manuel Pureza.

²⁷ O engenheiro António Guterres teve com apresentante a Dra. Teresa Tito de Moraes, fundadora do Conselho Português para os Refugiados. O Doutor José Manuel Pureza proferiu o elogio da apresentante e o Doutor José Reis o do candidato.

dia 22 de Maio de 2016, foi querermos assinalar os vinte anos de uma nova área de conhecimento na Universidade de Coimbra, Relações Internacionais. O Doutor José Manuel Pureza, que elogiou a apresentante, Teresa Tito de Moraes, defendeu, com toda a razão, que “são poucas as pessoas que condensam, entre nós, a experiência do mundo que motivou” a decisão de querer estudar um mundo que fosse do mundo todo e não apenas o que nos chega pela voz dos “Estados e aos seus diplomatas”, de “estrategas e acionistas de multinacionais”, mas também, e sobretudo, o mundo dos “condenados da terra”, da “gente comum”, dos que buscam a justiça económica e também “a cognitiva, a ambiental, a intra e a intergeracional ou a de género”.

Ora, “em António Guterres encontramos um rosto dessa experiência”. “O seu desempenho como Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados pô-lo no centro da realidade complexa do sistema internacional contemporâneo e a coragem cívica e a lucidez política com que exerceu essas responsabilidades tornaram-no protagonista dessa realidade da mais elevada maneira”.

Ele é, de facto, um humanista integral. À época já sabíamos que a cena internacional assentava em cruéis desequilíbrios e que era preciso alguém dedicar-se à “exigência mais fina do bem comum, a consideração pelos outros, dando a força que falta aos mais fracos, aos despossados, aos que ficam dramaticamente dependentes do que alguém possa fazer por eles. E fazê-lo questionando o sistema que gera tais desigualdades”. Por isso, como disse quem o elogiou, todos tínhamos compreendido que, “o lugar de Guterres”, onde “ele é inteiramente Guterres”, é na cena internacional e por isso o víamos como Secretário-Geral da ONU. Não sabíamos ainda quanto esse quadro se podia tornar pior e quanto exige às pessoas capazes de lutar contra isso. Tão pouco o sabemos hoje. No entanto, a consolidação de uma comunidade de investigação e ensino que estuda a paz, a cooperação, os dilemas da convivência internacional, os problemas locais mais intensos à escala global estava realizada entre nós, na FEUC. O objetivo de nos aproximarmos o mais possível de uma compreensão integral dos primeiros problemas das comunidades humanas, assim como a recusa de sermos uma comunidade académica contemplativa, descritiva ou insignificante, beneficiava aqui da presença de quem fez disso mote da sua vida pessoal e política. Por isso, António Guterres se tornou um de nós, na FEUC.

A vida e a relação da Universidade com ela tecem-se, de facto, em múltiplas escalas. À escala do mundo, mas também através da proximidade, do que acontece localmente, dos que intervêm nos grandes areópagos e dos que se constroem num dia a dia laborioso, lento e por vezes penoso, começado na infância, dependente das decisões sagazes dos seus pais, mesmo sendo decisões que hoje parecem triviais, como a de mandar os filhos à escola. Manuel Rui Azinhais Nabeiro²⁸, que a FEUC homenageou em 8 de Junho de 2022 com o título de doutor *honoris causa*, fez a sua vida a partir de um pequeno meio – Campo Maior, no Alentejo ao pé da fronteira com Espanha. Começou uma notável atividade empresarial quando tudo era escasso e estreito em Portugal. Fê-lo junto das suas raízes e a olhar para os seus, para os que pisavam o mesmo chão e partilhavam as mesmas agruras. Quis criar riqueza e emprego, sem que isso fosse apenas acumular, usar trabalho alheio e negociar estritamente uma retribuição. Quis partir da vida tal como a via, naquelas circunstâncias concretas e através das pessoas que conhecia cara a cara. O instrumento mais imediato foi a empresa. Mas o contexto de que ela era parte era a comunidade, a sua comunidade. Foi isso que o diferenciou. Pelo sentido de justiça, pela recusa de uma relação linear e unilateral com o trabalho. E foi assim que se apresentou ao país e ao mundo e se tornou re-

²⁸ Manuel Rui Azinhais Nabeiro teve como apresentante o Doutor Carlos Fortuna, cujo elogio foi feito pela Doutora Margarida Mano. O candidato foi elogiado pelo Doutor António Martins.

conhecido. Foi assim que os quis tornar melhores. Foi isso que o Doutor António Martins sublinhou ao elogiá-lo e ao falar de “uma justiça social assente em dois pilares”, o da economia e o da democracia e do humanismo.

Ao homenagear Rui Nabeiro, a FEUC quis prestar-lhe a devida vénia, mas quis também pedir-lhe emprestados os seus valores para que eles fossem comparados com os que nós próprios queremos usar e praticar: o valor da proximidade com a vida, com a comunidade, com o que nos rodeia. Por isso, esta iniciativa foi também parte da comemoração dos 30 anos do ensino da Gestão na FEUC. Devido à pandemia, ele teve lugar mais tarde. Mas subsistiu o propósito de colocar em evidência o dinamismo da investigação e ensino em ciências empresariais na nossa faculdade. O número de estudantes que nos procuram para estudar estas matérias é hoje o mais expressivo do seu conjunto, distribuindo-se pelos vários ciclos de estudo e pelos MBA. Solenemente, quis-se inspirar as empresas e os gestores a seguirem os valores humanistas do modelo de gestão de Rui Nabeiro, um gestor de rosto humano. E mostrar que “as empresas e a respetiva responsabilidade social” devem ser encaradas como ele a considerou para assim construir o conjunto da sua vida e da sua obra.

Cinquenta anos passados desde que a FEUC abriu portas para receber estudantes, mais de três décadas desde que concedeu o primeiro doutoramento *honoris causa*, olhamos para o significado desse gesto 14 vezes repetido e parece claro que a nossa Faculdade se soube interpretar devidamente a si própria. Concedeu honras e quis honrar-se. Para lá de figuras universitárias que merecem grande estima, teve consigo, como apresentantes, dois Presidentes da República Portuguesa, duas vezes cada, e ainda quem agora ocupa o lugar de Secretário-Geral das Nações Unidas. Para que passassem a ser doutores da FEUC chamou de fora, de mais longe, nove pessoas (mesmo que quatro tenham vindo de dentro da língua portuguesa, dois de África e dois do Brasil). Destes, dois foram fundadores de pátrias irmãs, Aristides Pereira em Cabo Verde, Joaquim Chissano em Moçambique. Outros dois falam o português do Brasil e estiveram juntos no lugar-comum da academia e do pensamento sociológico para influenciarem bem o seu país sem ligarem a fronteiras de qualquer tipo ou ao lugar ocupado (Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso). Outro sociólogo da nossa galeria de notáveis, Immanuel Wallerstein, insistia em falar português e quis interpretar um mundo visto por inteiro (o sistema-mundo) e onde todos tenham um lugar. E é difícil não reconhecer um significado profundo no facto de os dois economistas estrangeiros de grande influência académica e de forte empenho na sociedade que homenageámos serem Albert Hirschman e Amartya Sen: uma eloquente singeleza! Quando quisemos que se sentassem entre nós Jacques Delors e Juan Somavia, trazendo com eles os debates sobre a construção europeia e sobre o lugar do trabalho, do trabalho digno, terá sido exatamente porque se quis reforçar mensagens essenciais sobre a relação entre economia e sociedade e não deixar nenhum debate sem a perceção adequada de pelo menos dois lados do problema.

A FEUC escolheu ainda dois economistas portugueses, António Simões Lopes, que tão presente foi entre nós para construirmos a nossa própria casa e alargou horizontes no ensino da Economia, e Jacinto Nunes, que nunca abdicou de pensar de forma complexa tanto esta disciplina como o país, formando-se ao procurar reconstituir-lhe os traços. E a estes somou três intervenientes nos lados mais luminosos da vida coletiva do país, António Arnaut, António Guterres e Rui Nabeiro, assim mostrando que os gestos que merecem reconhecimento não têm escala. Do local ao internacional, é onde se engrandece a vida e a sociedade que devemos procurar quem conta.

Os Doutoramentos Honoris Causa pela FEUC



1989
Aristides
Pereira



1992
Jacques
Delors



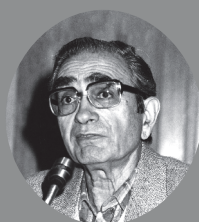
1995
Fernando
Henrique Cardoso



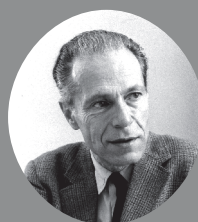
1999
Joaquim
Chissano



2005
Simon-Pierre
Nothomb



1990
Florestan
Fernandes



1993
Albert
Irschman



1998
António
Simões Lopes



2002
Manuel
Jacinto Nunes





2009
Juam
Somavia



2014
António
Arnaut



2022
Rui
Nabeiro



2006
Immanuel
Wallerstein



2011
Amartya
Sen



2016
António
Guterres



2010

2015

2020











